



A sociologia e a compreensão do campo *The sociology and the countryside's comprehension*

SILVA, Clayton dos Santos¹; LIMA, Jessé Rafael Bento de²; ARAÚJO, Romário Guimarães Verçosa de³; CARMO, Vinicius José Gonçalves do⁴; SALES, Jammerson Leonardo da Silva⁵; LIMA, Arlla Katherine Xavier de⁶.

¹ Universidade Federal de Pelotas, clayton.ssilva@ufpe.br; ² Universidade Federal de Pelotas, jesserafael.adm@hotmail.com; ³ Universidade Federal de Alagoas, romariorgva@hotmail.com; ⁴ Universidade Federal Rural de Pernambuco, vinicius.goncalves@ufrpe.br; ⁵ Universidade Federal de Alagoas, jleonardosaes@gmail.com; ⁶ Universidade Federal de Alagoas, arlla.lima@ceca.ufal.br.

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: O campo brasileiro, ao longo das décadas, vivencia determinadas transformações em decorrência da reprodução do capitalismo na agricultura. Com a ascendência dos princípios da revolução verde, determinados modos de vida e produção agropecuária foram modificados ou se perderam. A sociologia, como instrumento de análise da sociedade, se voltou para entender as implicações geradas por essa transformação, tendo o rural como um dos seus principais objetos de estudo. Desse modo, a fim de conceber um arcabouço teórico que discuta as diferentes compreensões do campo, se objetiva reunir as ideias postas pelos principais pensadores da sociologia no que tange essa discussão. Ao final foi possível relacionar as percepções com a realidade agrária nacional do século XVI, demonstrando a importância do estudo sociológico e de suas bases teóricas para a construção plena do conhecimento agroecológico.

Palavras-chave: sociologia rural; desenvolvimento rural; marxismo.

Introdução

A agroecologia, enquanto campo de conhecimento, engloba estudos que abrangem tanto aspectos técnicos e produtivos quanto político-sociais, dada a sua natureza interdisciplinar. Por sua vez, a sociologia rural, derivada dos estudos sociais aplicados ao campo, desempenha um papel fundamental na compreensão da realidade agrária nacional, abarcando diferentes territórios e populações. Nesse sentido, é essencial familiarizarmo-nos com as bases teóricas que influenciaram as diversas perspectivas sobre o ser agrícola e o ser agrário. Além disso, é crucial compreender, por meio da literatura clássica, a inserção do capitalismo nos modelos de produção e vida no campo, bem como as consequências resultantes que se perpetuam. Portanto objetiva-se, através dessa construção de pensamentos, desenvolver uma síntese teórica sobre a sociologia e a construção do campo a partir da literatura clássica e contemporânea.

Metodologia

Este trabalho é resultado das discussões emergidas durante a disciplina Sociologia e Desenvolvimento Rural do Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar (PPG SPAF). Para a interlocução dos diferentes olhares



sobre o campo e seus desdobramentos foi realizada uma revisão teórica de algumas obras clássicas da sociologia. Partiu-se dos grandes paradigmas científicos, como a tradição intelectual formativa de Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber; e do debate teórico sobre a produção familiar segundo as grandes vertentes analítico-interpretativas de Marx, Karl Kautsky e Vladimir Lenin.

Resultados e Discussão

A sociologia, segundo Martins (1994), é um conjunto de conceitos, técnicas e métodos de investigação produzidos para explicar a vida social. Essa obra parte do princípio de que a sociologia é o resultado de uma tentativa de compreensão das situações sociais geradas pela sociedade capitalista, sociedade essa, que toma forma a partir das transformações ocasionadas pela emergência das revoluções industrial e francesa. A antiga sociedade feudal se torna, então, capitalista.

Entretanto, algumas notas de Marx (1857-1858), publicadas na obra *Formações econômicas pré-capitalistas* (1985), afirmam que os moldes dessa nova sociedade se remontam aos primórdios da organização humana, desde o início do cultivo da terra. A partir da agricultura o homem se estabelece e se desenvolve socialmente (ascendência de comunidades), através das trocas que se transformariam, posteriormente, em comércio. Tem-se, portanto, o modo de produção comunal primitivo, o germe da sociedade tida hoje como capitalista. Como resultado dessa evolução surgem, ao longo da história, outros modos de produção – escravista, asiática e feudal. Dessa transição, do feudalismo ao capitalismo, surgiram transformações políticas, econômicas e culturais que geraram problemas sociais inéditos e novas formas de organização no ocidente europeu. Eram novas realidades que precisariam ser compreendidas. Trazemos, como exemplo, as transformações advindas da revolução industrial.

Entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX, a indústria têxtil inglesa passou por um processo de desenvolvimento radical mediante a introdução de máquinas a vapor e outras tecnologias, as quais proporcionaram o aperfeiçoamento dos métodos de produção de sua atividade fabril. Essa nova estrutura que surgia era capitaneada pela figura do empresário capitalista que possuía o controle de máquinas, terras e ferramentas; ou seja, a mão-de-obra passou a ser comercializada, convertendo grandes massas em trabalhadores despossuídos dos meios produtivos.

A paisagem encontrada já não era a mesma. Pequenas cidades, antes predominantes em atividades rurais, passaram a ser urbanizadas e a apresentar uma alta concentração populacional – maciça migração do campo para a cidade. As relações habituais de trabalho e consumo também mudaram: de camponeses para assalariados com direitos renegados, o que impulsionou o desaparecimento de pequenos proprietários rurais e de artesãos independentes. Além disso, as grandes jornadas de trabalho (mínimo de 12 horas), sem férias e feriado, e com baixo salário; a diferença de remuneração entre os gêneros; a ausência de serviços



sanitários e de estrutura de moradia; o aumento da prostituição, suicídio, alcoolismo e violência; e a evidência da miséria se somaram para o aparecimento do proletariado e de estudos que pudessem compreender essa nova realidade social (MARTINS, 1994). A partir de então, da emergência de novas problemáticas sociais, os estudos sociológicos manifestam-se como ferramenta de investigação dos percalços da nova sociedade. A sociologia, portanto, nasce da observação da realidade social; nasce como instrumento de análise e transformação dessa realidade.

Diferentes pensamentos conduzem esses estudos. Diferentes olhares e abordagens que trarão à superfície ideias de convívio e ordem social. De um lado da régua tem-se o pensamento positivista, embasado em princípios denominados como conservadores (antagonista às ideias iluministas), que moldaram as referências sociais de Auguste Comte e Émile Durkheim; do outro o socialista, defendido por Karl Marx e Friedrich Engels, que critica ferozmente a estrutura capitalista e o cartesianismo durkheimiano.

Sintetizando cada forma de observação da sociedade, esquematizamos as principais características de cada corrente sociológica (Quadro 1).

Quadro 1. Principais diferenças entre o pensamento sociológico conservador e socialista (adaptado de Martins, 1994).

Visões do capitalismo	
Positivismo (sociologia positivista)	Pensamento socialista
<ul style="list-style-type: none"> ● Conservadora; ● Deveria utilizar os mesmos métodos adotados nas ciências naturais; ● Manutenção e preservação da ordem capitalista; ● Supostamente neutra; ● Reformista; ● Omissa de situações de conflito existentes na nascente sociedade industrial; ● Acredita que a crescente divisão do trabalho é uma fonte de solidariedade entre os homens. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Crítica radical à sociedade capitalista; ● Evidencia os antagonismos e as contradições do capitalismo; ● Sociedade capitalista como um acontecimento transitório; ● Revolucionário; ● Aparecimento de uma nova classe revolucionária – o proletariado; ● Acredita que a crescente divisão do trabalho proporciona relações de exploração, antagonismo e alienação.

Apesar de seu posicionamento ser considerado “central” no que tange essas visões (encontra-se entre os olhares sociais de Durkheim e Marx), destacamos, também, a contribuição do alemão Max Weber para conferir a sociologia como ciência (ARON, 2002). Influenciado enormemente pelo contexto intelectual de sua época, assim como Marx, Weber endossou a isenção e a imparcialidade do pesquisador, entretanto, a imparcialidade científica é um mero mito. Não existe (SACCO DOS ANJOS, 2016). No mais, as obras de Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx são consideradas clássicas e as principais referências teóricas para estudos sociológicos urbanos e rurais.



Para que se possa discutir as dinâmicas rurais e o fenômeno do desenvolvimento, se faz necessária a secção entre campo e cidade, elevando o rural como questão e objeto de estudo, visto que essa sociologia possui as suas especificidades. Como referência trazemos a discussão elucidada por Sorokin, Zimmerman e Galpin (1986), que tratam com sensibilidade as principais diferenças entre o rural e o urbano. O delineamento desses diferentes espaços é definido mediante um conjunto de características gerais e variáveis socioambientais analisadas sistematicamente. Listamos essas a seguir (Quadro 2).

Quadro 2. Principais diferenças que caracterizam o campo e a cidade (adaptado de Sorokin, Zimmerman e Galpin, 1986).

Características	Espaço	
	Campo	Cidade
Ocupação	Predominância da agropecuária	Predominância da indústria e do comércio
Características ambientais	Interferência direta dos fatores ambientais nas atividades realizadas	Pouca interferência dos fatores ambientais nas atividades realizadas
Tamanho das comunidades	Pequenas comunidades	Grandes comunidades
Densidade populacional	Menor densidade populacional	Maior densidade populacional
Homogeneidade e heterogeneidade das populações	Populações homogêneas	Populações heterogêneas
Diferenciação, estratificação e complexidade social	Menor complexidade, diferenciação e estratificação social	Maior complexidade, diferenciação e estratificação social
Mobilidade social	Menor mobilidade social	Maior mobilidade social
Direção da migração	Migração de indivíduos em direção à cidade	Tendência de permanência dos indivíduos
Sistema de integração social	Menor interação entre indivíduos, entretanto permanente	Maior interação entre indivíduos, entretanto casual

Assim, a distinção entre campo e cidade permite a diferenciação desses termos e a construção dos conceitos sociológicos compostos. Realizada essa ruptura, torna-se possível observar as particularidades da questão agrária e do campesinato nacional a partir da literatura clássica. Vladimir Lenin e Karl Kautsky destacam-se nessa análise.

Kautsky, um dos mais importantes teóricos marxistas, em *A questão agrária* (1899), lançada no mesmo ano que *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* de Lenin, expõe as mudanças agrárias ocorridas durante o curso de desenvolvimento do capitalismo. Ele condiciona o campo às alterações sofridas pela cidade, especificamente pela influência da industrialização que acomete os centros urbanos que, de certa forma, transformam os modos de vida e produção rural. Essa elucidação remete, instantaneamente, às mudanças advindas do processo de revolução verde. O produtor rural passa, então, a se condicionar às condições e vontades do mercado.



Ainda, o sufocamento das pequenas explorações, tratado por Kautsky no final do século XIX, se mostra contemporâneo quando levada em consideração a atual conjuntura agrária brasileira. O camponês e o originário, refém da pressão forasteira, passam a destituir-se da sua terra, da sua história e da sua identidade. Esse é o mais límpido retrato do desenvolvimento do capitalismo na agricultura. Como adendo, o marxismo se impôs como concepção de ação política e também como campo do conhecimento. Mas também se baseou na economia política inglesa, no socialismo francês e na filosofia hegeliana. Kautsky conclui que existe, de fato, uma forte tendência de extinção da pequena exploração e de sua estrutura social, contudo, tendências são propensões e não afirmações. Populações resistem aos avanços do agronegócio; resistem ao desmatamento, ao latifúndio e à bala de fuzil; resistem na terra e pela terra na esperança de dias melhores.

No restante, os estudos sociais contribuem para a construção do conhecimento agroecológico e a reflexão dos seus aspectos, principalmente humanos. Esses abordam a relação do indivíduo e a propriedade da terra, a luta de classes e os conflitos no campo, a função da agricultura na estrutura social e os processos de extensão e desenvolvimento rural, considerando a modernização, globalização e políticas públicas. Desse modo, a compreensão do campo, a partir da sociologia e de suas construções, é imprescindível para discutir e construir a agroecologia.

Conclusões

Como pesquisadores, percebemos a exímia importância dos estudos sociológicos para a aproximação da realidade agrária, seja eles em qualquer época ou escala. Esse exame crítico contribui para uma análise mais profunda dos desafios enfrentados no campo, na busca de soluções adequadas para os problemas sociais, econômicos e ambientais ligados à agricultura e ao desenvolvimento rural. Portanto a agroecologia, contrapondo à perspectiva agrícola hegemônica, não se restringe ao produzir e o produzir em base ecológica, mas abrange as diferentes percepções e vivências, individuais e coletivas, de quem está na terra e vive dela.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar da Universidade Federal de Pelotas e ao professor Flávio Sacco dos Anjos por todo conhecimento compartilhado sobre o assunto. Ainda, também, ao Programa de Pós-graduação em Agronomia da Universidade Federal de Alagoas, aos cursos de graduação em Agronomia e História, da mesma universidade, e ao curso de Licenciatura em Computação da Universidade Federal Rural de Pernambuco.



Referências bibliográficas

ARON, Raymond. Max Weber. In: **As etapas do pensamento sociológico**, Brasília, Martins Fontes, UnB, p. 725-838, 2002.

KAUTSKY, Karl. **A Questão Agrária**. 3ª ed., S. Paulo: Proposta Editorial, 329 p., 1980.

LENIN, Vladimir. **O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria**. 2ª ed., S. Paulo: Nova Cultural, 402 p., 1985.

MARTINS, Carlos B. **O que é Sociologia**. São Paulo, Brasiliense, 1994.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4 ed., v. 3, 139 p., 1985.

SACCO DOS ANJOS, Flávio. **O caráter social da ciência e os desafios na contemporaneidade**. In: ROBERT, P.; RECH, C. M.; LISDERO, P.; FACHINETTO, R. F. (Orgs.) Metodologia em ciências sociais hoje: perspectivas epistemológicas, reflexões teóricas e estratégias metodológicas. Jundiaí, SP: Paco Editorial, v. 1, p. 117-135, 2016.

SOROKIN, Pitirim A., ZIMMERMAN, Carlo A., GALPIN, Charles J. **Diferenças fundamentais entre o mundo rural e urbano**. In: MARTINS, J. S. (Org), Introdução crítica à Sociologia Rural, São Paulo, Hucitec, p.198-224, 1986.